

NIETZSCHE E O “JESUS HISTÓRICO”¹: UM ENSAIO CRÍTICO DE *O ANTICRISTO*

NIETZSCHE AND THE “HISTORICAL JESUS”: A CRITICAL ESSAY ON *THE ANTICHRIST*

Kassio F. P. Lopes²

Resumo

Grande parte dos intérpretes nietzschianos tem se concentrado em descrever a perspectiva de Nietzsche sobre a figura histórica de Jesus em *O Anticristo* (1888), enquanto dedicam menos atenção à avaliação crítica de sua plausibilidade enquanto projeto histórico reconstrutivo e interpretativo. Com isto em vista, propomos, ainda que de maneira preliminar e ensaística, ponderar e avaliar criticamente a perspectiva nietzschiana sobre Jesus apresentada em *O Anticristo*. Procura-se mostrar que esta perspectiva em *O Anticristo* revela limitações significativas. A recusa em adotar um método histórico crítico rigoroso, aliada ao uso seletivo e arbitrário dos textos neotestamentários e à descontextualização do ambiente histórico e cultural de Jesus, comprometem a consistência de suas conclusões. No entanto, defende-se que compreender sua visão continua essencial para avaliar tanto as potências interpretativas de Nietzsche quanto às dificuldades que sua leitura enfrenta para manter-se plausível ainda hoje.

Palavras-chave: Jesus. Anticristo. Modernidade. História. Crítica.

Abstract

Most interpreters of Nietzsche have focused on describing his perspective on the historical figure of Jesus in *The Antichrist* (1888), paying less attention to critically evaluating its plausibility as a reconstructive and interpretative historical project. In this context, we propose, in a preliminary and essayistic way, to reflect upon and critically assess Nietzsche's perspective on Jesus as presented in *The Antichrist*. The objective is to demonstrate that this perspective reveals significant limitations. The refusal to adopt a rigorous historical-critical method, combined with the selective and arbitrary use of New Testament texts and the decontextualization of Jesus' historical and cultural environment, compromises the

¹ De acordo com James Dunn (2013, p.22), a “primeira busca” científica e moderna pela figura de Jesus baseava-se em uma antítese entre o “Cristo da fé” presente nos dogmas do Novo Testamento daquele “Jesus histórico”, que teria sido o “Jesus real”, que existiu no primeiro século. Em suas palavras: “Como sabemos, a busca começou como reação ao Cristo do dogma cristão [...] O grande objetivo da primeira fase da busca do Jesus histórico, então, era relegar o Cristo da fé para recuperar o Jesus histórico. A tarefa era vista como algo equivalente a restauração de uma grande obra de arte: as camadas de dogma posteriores eram como as camadas de verniz e poeira que encobriam as pinceladas originais de um Michelangelo; só removendo-se uma a uma as camadas de dogma é que poderia revelar-se o autêntico gênio original do próprio Jesus [...] A tarefa devia libertar o Jesus real – o Jesus histórico – das cadeias e das obscuridades da fé posterior”. Meier (2003, p.20) faz uma distinção interessante sobre o Jesus “real” e o “histórico”, que os estudiosos da primeira busca não parecem ter feito: “Em contraste com o ‘Jesus real’, o ‘Jesus histórico’ é aquele que podemos recuperar ou reconstruir usando ferramentas científicas da moderna pesquisa histórica. O ‘Jesus histórico’ é, portanto, um constructo científico, uma abstração teórica de estudiosos modernos que coincide apenas em parte com o verdadeiro Jesus de Nazaré, o judeu que de fato viveu e atuou na Palestina, no século I A.D.”.

² Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP (2023). Mestre em Filosofia (História da Filosofia) pela PUC/SP (2019). Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2021) e Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (2014). Professor de Ética e lógica, Vida e Carreira e Teologia na Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo-SP (atual). Tenho experiência nas áreas de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia e Teologia, em estudos neotestamentários.

consistency of Nietzsche's conclusions. Nevertheless, it is argued that understanding Nietzsche's vision is essential for assessing both his interpretative capacities and the challenges his reading faces in maintaining plausibility even today.

Keywords: Jesus; Antichrist; Modernity; History; Criticism.

Embora Nietzsche não tenha se dedicado diretamente a investigações específicas sobre o fundador do cristianismo, viveu em uma época marcada por uma efervescente pesquisa histórica acerca da figura de Jesus de Nazaré. Esse período, posteriormente denominado de "Primeira Busca pelo Jesus Histórico"³, foi sistematizado retroativamente por Albert Schweitzer (1875-1965) em sua obra *Von Reimarus zu Wrede: eine Geschichte der Leben-Jesu-Forschung* (1906). Schweitzer utilizou essa expressão, "busca pelo Jesus histórico", para descrever os esforços de estudiosos dos séculos XVIII e XIX que tentaram reconstruir a identidade histórica de Jesus⁴.

No cerne dessa "Primeira Busca" estavam as reflexões de Hermann Reimarus⁵ (1694-1768) e David Strauss (1808-1874), cujos trabalhos exerceram influência significativa na teologia e na crítica histórica moderna. Reimarus⁶ rejeitou a ressurreição de Jesus e fez uma distinção fundamental entre o Jesus histórico, que viveu na Palestina, e aquele que se tornou objeto de fé, argumentando que os apóstolos teriam alterado sua história para se beneficiarem. Strauss, por sua vez, em *Das Leben Jesu*, de 1835, destacou o papel do mito na formação das narrativas sobre Jesus, apontando que os relatos dos evangelhos continham construções mitológicas que refletiam as crenças das comunidades cristãs primitivas. Essas abordagens marcaram um rompimento com as leituras tradicionais, lançando as bases para novas interpretações da figura de Jesus na modernidade.

³ Segundo Freyne (2014, p.11): "É comum, e também um tanto esquemático, classificar em três estágios a moderna 'busca' impulsionada pela publicação póstuma dos Fragmentos de H. S. Reimarus por G. E. Lessing, em 1786. São eles: as "Vidas de Jesus", do século XIX, de inspiração liberal, posteriormente denunciadas como relatos anacrônicos e modernizados do Nazareno por Albert Schweitzer, em seu 'The Quest of the Historical Jesus' (1968); a 'nova busca' que se seguiu aos trabalhos de Rudolf Bultmann, em meados do século XX, marcada por uma abordagem um tanto minimalista da questão, e, finalmente, a nova 'terceira onda' de estudos, principalmente, mas não exclusivamente, associada às atividades desenvolvidas no ambiente do Jesus Seminar, nos Estados Unidos, no decorrer dos anos 1990".

⁴ A própria expressão "busca pelo Jesus histórico", amplamente adotada para designar as investigações subsequentes sobre o tema, também foi cunhada por Schweitzer nessa obra.

⁵ Sobre uma pré-história das reinterpretções acerca de Jesus anteriores a Reimarus, Paul Rhodes Eddy e James K. Beilby (2009, p.8) escrevem: "As ideias de Reimarus sobre Jesus não surgiram *ex nihilo* de sua pena. As raízes da antiga busca (em grande parte alemã) estão no deísmo britânico e francês do século XVII e na crítica bíblica que acabou dando origem a ele. As críticas deístas às noções de revelação divina e milagres alimentaram um ceticismo crescente em relação aos Evangelhos. Uma série de pensadores do início da modernidade, como Benedict Spinoza, Isaac La Peyrere, Richard Simon, Thomas Woolston, Peter Annet e Thomas Morgan, lançou as bases para o que viria a se tornar o método histórico-crítico maduro".

⁶ Após o falecimento de Reimarus, sua família confiou seus escritos críticos sobre a Bíblia ao poeta Gotthold Ephraim Lessing (1729 - 1781), que os publicou em forma de trechos, entre 1774 e 1778, atribuindo-os a um autor anônimo, "Fragmentos de um anônimo de Wolfenbüttel" (em alemão, "Fragmente eines Ungenannten aus Wolfenbüttel").

Nesse cenário de intensos debates teológicos e historiográficos, Nietzsche desenvolveu sua própria perspectiva sobre Jesus. Através de sua ideia do "tipo psicológico do redentor", Nietzsche ofereceu uma interpretação que, por sua originalidade, se insere na tradição moderna de reinterpretação da figura de Jesus. Compreender sua visão dentro do contexto alemão do século XIX, que serviu de berço para a busca pelo Jesus histórico, é essencial para avaliar tanto as potências interpretativas de Nietzsche quanto das dificuldades que sua leitura enfrenta para manter-se plausível ainda hoje.

Essa relação com o contexto intelectual de sua época torna-se ainda mais evidente em *O Anticristo* (1888)⁷, um de seus últimos escritos, onde Nietzsche apresenta de forma mais elaborada sua visão sobre o "galileu". Nesse texto, Jesus é analisado a partir de uma ótica singular, que combina filosofia, psicofisiologia e crítica cultural, resultando em uma interpretação tão provocadora quanto controversa. Contudo, grande parte dos intérpretes nietzschianos tem se concentrado em descrever as fontes e os contornos de sua visão, enquanto dedicam menos atenção à avaliação crítica de sua plausibilidade.

Tendo explorado previamente essa tarefa descritiva em outros trabalhos⁸, propomo-nos aqui, ainda que de maneira preliminar e ensaística, a ponderar e avaliar criticamente a perspectiva nietzschiana sobre a figura do "Nazareno" apresentada em *O Anticristo*. Assim, para contextualizar o objeto de nossa análise, oferecemos a seguir uma breve descrição da visão de Nietzsche sobre a figura de Jesus tal como formulada nesta obra.

Resumo da perspectiva de Nietzsche em *O Anticristo*

Em *O Anticristo* Nietzsche reconstrói a figura de Jesus sob a perspectiva psicofisiológica, criticando interpretações populares, especialmente a de Ernest Renan, em sua obra "Vie de Jésus" ("Vida de Jesus") em 1863, que vê Jesus como um gênio e herói. Nietzsche argumenta que a natureza fisiopsicológica de Jesus o impedia de ser considerado um herói, dado que sua incapacidade de resistência o leva a uma moral de amor e acolhimento, incluindo até seus inimigos (AC §29⁹). Nietzsche sugere que Jesus pode ser melhor descrito como um "idiota", não no sentido depreciativo, mas como uma designação médica da época, associando sua condição fisiopsicológica a um estado de infantilismo e hipersensibilidade ao sofrimento (AC §29, 30, 32). Ele propõe que a "boa

⁷ Embora Nietzsche tenha abordado a figura histórica de Jesus em diversas ocasiões e obras ao longo de sua vida, é em *O Anticristo* (1888), que ele apresenta sua perspectiva sobre o "galileu" de forma mais detalhada. Para conferir as abordagens anteriores de Nietzsche a figura de Jesus seguem algumas referências: HH, I, §235, §475; HH, II, Opiniões e sentenças diversas, §98; A §84; GC §137, §138; ZA, Da morte voluntária; BM §269, §164; GM I §8, etc.

⁸ Aqui remeto o leitor a pesquisas que desenvolvi em torno da perspectiva de Nietzsche sobre Jesus tanto no mestrado (sob o título de: "Jesus sob a perspectiva de O Anticristo", disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22196/2/Kassio%20F.%20P.%20Lopes.pdf>) quanto no doutorado (intitulada de "O 'Anticristo' em Nietzsche: do signo ao livro de 1888" e disponível em <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/22196/2/Kassio%20F.%20P.%20Lopes.pdf>), além de artigos como "A perspectiva de Nietzsche sobre 'O Tipo Psicológico do Galileu'", publicado pela Revista Brasileira de Filosofia da Religião, v. 6, p. 176-192, 2020, disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/29569/27319>.

⁹ Aqui seguimos o modo padrão de referenciar as obras de Nietzsche, registrando as siglas que identificam o nome do livro, seguido pela seção e/ou aforismo.

nova" redentora de Jesus, sua perspectiva acerca do reino de Deus, reflete uma experiência psicológica interna de amor e aceitação, em oposição ao sofrimento da efetividade.

A exclusão instintiva de toda antipatia, toda inimizade, todas as fronteiras e distâncias do sentimento: consequência de uma extrema capacidade de sofrimento e excitação, que já sente como insuportável desprazer (isto é, como nocivo, como desaconselhado pelo instinto de autoconservação) o opor-se, ter de opor-se, e acha beatitude (prazer) apenas em não resistir mais, a ninguém mais, nem à desgraça, nem ao mal — o amor como única, como última possibilidade de vida... Eis as duas realidades fisiológicas nas quais, a partir das quais cresceu a doutrina da redenção. (AC §30).

O filósofo de Turim estabelece paralelos entre Jesus, Buda e Epicuro (AC §30,31), destacando como todos lidam com o sofrimento de maneiras que evitam a luta e a agressão, num tipo de resposta psicofisiológica à dor. Assim, a abordagem de Jesus, segundo Nietzsche, não é metafísica ou moral, mas psicológica, enfatizando uma "redenção" que transfigura a dor em uma experiência espiritual de paz e amor que constituiria o cerne do "reino" acerca do qual falava. Embora não seja caracterizado pelo ressentimento, nem pela vingança, Nietzsche classifica Jesus como um "décadent", por sua rejeição a dimensão agonística da efetividade, a própria vontade de poder, essencial à vida. Contudo, essa decadência é considerada "interessantíssima" (AC §31), pois Jesus, ao evitar o jogo agonístico do viver finda por transfigurar a efetividade e sua dor constitutiva, encontrando prazer e beleza em sua experiência interior.

Nietzsche busca distanciar Jesus do cristianismo, apresentando-o como um oposto à religião que se desenvolveu após sua morte. Nesse sentido, Jesus é visto como um "companheiro de armas" na crítica ao cristianismo, que ele considera uma distorção de sua verdadeira mensagem. Em vez do "Jesus histórico", o fundador do cristianismo, Nietzsche chega a um tipo não dogmático, anti-realista, simbolista e até mesmo "imoralista" (AC §32,33,34) cujo ensinamento foi deturpado pelos primeiros seguidores e cuja deturpação se expressa nos documentos neotestamentários.

O método de Nietzsche na análise de Jesus

Em *O Anticristo*, Nietzsche chega a este entendimento a respeito de Jesus por uma via metodológica singular. Para Nietzsche, a figura histórica de Jesus só pode ser compreendida através de uma análise psicofisiológica, ao invés de uma reconstrução histórica tradicional. Ele argumenta que as fontes disponíveis, como o Novo Testamento, estão corrompidas pelas interpretações dos primeiros autores cristãos, o que torna inviável um estudo histórico preciso. Diferente de seus contemporâneos, Nietzsche rejeita a pesquisa exegética e o método científico da crítica histórica, pois acredita que os únicos documentos disponíveis, neste caso, os evangelhos, não são confiáveis para esse tipo de análise.

Que me importam as contradições na 'tradição'? Como podem lendas de santos ser denominadas 'tradição'? As histórias de santos são a literatura mais equívoca existente: aplicar-lhes o método científico, na ausência de quaisquer outros documentos, parece-me de antemão condenado ao fracasso — mero ócio erudito [...] (AC §28).

Contudo, para Nietzsche, embora os evangelhos estejam corrompidos, eles ainda contêm traços que podem revelar o "tipo psicológico" de Jesus (AC §28). Para ele, não é importante o que Jesus realmente fez, disse ou como morreu, mas sim a ideia de que seu "tipo" psicológico possa ser concebido e transmitido. O filósofo utiliza fragmentos dos evangelhos que se alinham com sua interpretação do perfil psicológico de Jesus e descarta os trechos que considera distorções dos discípulos. Sua reconstrução de Jesus, portanto, é baseada em uma interpretação fisiopsicológica, focando no caráter psicológico do redentor, mais do que em uma tentativa de reconstituir sua vida histórica.

Nietzsche, em suas próprias palavras, afirma atuar como médico e filólogo, interpretando os textos à luz das condições de degeneração fisiopsicológica de seus autores: "...não se é filólogo e médico sem ser também anticristão. Como filólogo, olha-se por trás dos 'livros sagrados'; como médico, por trás da degeneração fisiológica do cristão típico. O médico diz 'incurável'; o filólogo, 'fraude'..." (AC §47).

De acordo com Paul Bishop (2006, p. 346), Nietzsche desenvolve duas técnicas principais para analisar textos clássicos e bíblicos, a partir de sua experiência como filólogo. Primeiramente, ele reduz os sistemas filosóficos às experiências pessoais de seus criadores, considerando-os expressões, muitas vezes involuntárias, de suas condições existenciais e fisiopsicológicas. Ou seja, para Nietzsche, tais sistemas são reflexos do estado corporal e psicológico de seus autores. Em segundo lugar, Nietzsche utiliza uma abordagem "retrospectiva" ou de "inferência retroativa", que analisa a obra para compreender seu autor; a ação, para entender o executor; o ideal, para identificar aquele que dele necessita. Assim, cada forma de pensar e valorizar é vista como expressão de uma necessidade imperativa subjacente ao autor e às ideias apresentadas no texto (Bishop, 2006, p. 347). Paul Bishop (2006, p. 347) sintetiza essas duas técnicas ao afirmar:

Precisamente esses dois princípios ou técnicas – que poderiam ser descritos de forma pouco caridosa como uma abordagem *ad hominem* e como uma redução psicológica vitalista – informam e sustentam o argumento de Nietzsche conforme apresentado em *O Anticristo*.

Esta análise de Nietzsche em *O Anticristo* sobre a figura histórica de Jesus desperta reflexões significativas nos campos da filosofia, da história e da teologia. Ao abordar Jesus sob uma perspectiva singular, Nietzsche propõe uma reconstrução que prioriza aspectos fisiopsicológicos, mas que, em alguns pontos, se distancia de uma análise enraizada no contexto histórico e sociocultural em que Jesus viveu.

Avaliação crítica da perspectiva nietzschiana

Embora *O Anticristo* apresente uma visão provocativa e original sobre a figura histórica de Jesus, sua abordagem metodológica pode levantar questionamentos significativos. Em primeiro lugar, uma das principais críticas dirigidas à análise de Nietzsche é sua recusa em adotar um método histórico rigoroso, preferindo uma reconstrução de caráter fisiopsicológico que negligencia o contexto histórico de Jesus. Como visto, Nietzsche explicitou a razão dessa recusa deliberada ao método histórico ao

afirmar que os documentos disponíveis para a pesquisa – os evangelhos – haviam falsificado a figura de Jesus, sendo resultado de um processo de corrupção, o que os inutilizava para a pesquisa.

Contudo, a opção de Nietzsche por prescindir da metodologia histórica revela limitações significativas que comprometem a consistência de suas perspectivas sobre o nazareno. Alguns dos delineamentos nietzschianos utilizados para reconstruir a figura de Jesus mostram-se inconsistentes quando confrontados com as evidências disponíveis no campo histórico, explicitando a falta de rigor metodológico-científico. Não por acaso, Walter Kaufmann (1921-1980), no prefácio à tradução de *O Anticristo* para o inglês, afirmou que a visão de Nietzsche sobre Jesus não é, do ponto de vista histórico, convincente.

Em termos históricos, ele é muitas vezes ignorante: as duas palavras hebraicas¹⁰ que ele acrescenta para dar efeito não fazem sentido, e sua concepção de Jesus – para mencionar uma questão mais importante – não é nada convincente, embora não mais do que a maioria desses retratos. Não é preciso dizer que o livro tem a intenção de ser chocantemente blasfemo. (Kaufmann, 1968, p.160)

A razão do retrato jusuânico realizado por Nietzsche não ser convincente historicamente, segundo Kaufmann, é em razão do livro como um todo ser desprovido de uma abordagem científica: "*O Anticristo* não é acadêmico e é tão cheio de falhas que somente um pedante poderia querer catalogá-las" (Kaufmann, 1968, p.160)¹¹. Ou, como disse Valadier (2004, p.97), "a reconstituição de um tipo psicológico, realizada sem o controle indispensável dos textos, leva a projeções que são necessariamente arbitrárias – e até mesmo desprovidas de qualquer controle científico". Deste modo, sem controle científico, interpretações arbitrárias emergem com muito mais facilidade deturpando a figura histórica que se deseja estudar. Em outras palavras, renunciar ao método histórico crítico ao invés de deixar o intérprete mais próximo da figura de Jesus, pode mais facilmente colocá-lo distante desta.

Anthony K. Jensen, em "Nietzsche's Quest for the Historical", 2019, reforça esse ponto ao analisar a abordagem de Nietzsche em *O Anticristo* sob dois aspectos. Em primeiro lugar, destaca a crítica nietzschiana desconstrutiva à figura de Jesus apresentada no Novo Testamento como uma falsificação. Em segundo, enfatiza a dimensão propositiva e construtiva, na qual Nietzsche tenta propor uma imagem de Jesus diferente daquela descrita nas Escrituras. Quanto à abordagem negativa e crítica de Nietzsche, Jensen conclui que ela estava em sintonia com o entendimento dos estudiosos da época.

¹⁰ Kaufmann se refere, provavelmente, as expressões "Selá" no poema anexo ao *O Anticristo* "O deserto cresce: ai daquele que abriga desertos...", palavra hebraica que aparece com frequência nos salmos bíblicos e "Heva" (AC 48) para se referir a Eva, a primeira mulher, afirmando que o nome em hebraico se originaria etimologicamente da palavra serpente, uma ideia contradita pelos estudiosos, pois Eva etimologicamente provém de "vida".

¹¹ É claro que este fato, para o comentarista, não oblitera as contribuições nietzschianas, já que apesar disto, "ao contrário da maioria dos acadêmicos, Nietzsche vê coisas vitais e tem o poder de comunicá-las de forma vívida" (Kaufmann, 1968, p.160).

Contudo, aponta que tal entendimento apresenta sérios problemas, como circularidade e falta de evidências históricas:

É certo que a interpretação de Nietzsche foi parcialmente derivada de Strauss e Renan, quase imediatamente ofuscada por Schweitzer e Drews e, em comparação com esses outros ‘buscadores’, mal defendida do ponto de vista histórico. Ela também é cruelmente circular. Um exemplo: Jesus não poderia ter sido um metafísico porque todas as suas afirmações metafísicas eram apenas símbolos; e ele deve ter sido um simbolista porque nunca teria pretendido uma metafísica. Outra: como Jesus era patologicamente avesso à dor, ele nunca poderia ter resistido à autoridade; e a evidência de que ele era patologicamente avesso à dor é o fato de nunca ter resistido à autoridade. Com muita frequência, em *O Anticristo*, a intuição e a retórica subvertem as evidências e os argumentos. Mas, admitindo essas falhas, a conclusão negativa de Nietzsche era, pelo menos, consistente com a interpretação acadêmica dominante.” (Jensen, 2019, p. 177).

No que diz respeito à sua parte positiva e reconstrutiva, nas palavras de Jensen, a abordagem de Nietzsche tem apenas o mérito da originalidade, pois, em outros aspectos, revela-se puramente especulativa e, muitas vezes, implausível:

O lado atributivo – que Jesus só falava em símbolos e era hipersensível à dor – é muito mais original, mas totalmente especulativo. Pior ainda, deve continuar sendo mera especulação por causa dos próprios argumentos de Nietzsche. Ou seja, se Nietzsche argumenta que os textos sobre Jesus foram maliciosamente corrompidos, então nenhuma reinterpretação desses mesmos textos nos levará a uma imagem “mais verdadeira” do tipo de pessoa que Jesus era – assim como um interrogatório meticuloso de um mapa fraudulento não acabará por nos levar ao caminho certo. Além disso, a ideia de discípulos seguindo um hiper introvertido hipocondríaco enquanto ele murmurava símbolos enigmáticos sobre seus próprios sentimentos é genuinamente exagerada. (Jensen, 2019, p. 178).

Disto resulta a conclusão de Jensen de que: “Se o projeto de Nietzsche é a historiografia convencional – onde o valor é medido pela precisão, exaustão, evidência e assim por diante – então esse lado positivo de *O Anticristo* é um fracasso total” (Jensen, 2019, p. 178). Ou ainda, como afirma:

Se alguém fizesse a mais simples comparação entre os métodos dos “pesquisadores históricos” e Nietzsche, seria apresentada uma montanha de evidências textuais e arqueológicas, análise crítico-linguística no original hebraico e grego e o restante das ferramentas do historiador de um lado, e vitriolo vomitado misturado com especulação infundada do outro. Mesmo que suas conclusões negativas sejam consistentes com isso, os métodos de Nietzsche não poderiam estar mais distantes da historiografia convencional. (Jensen, 2019, pp. 186-187).

Jensen, embora reconheça que Nietzsche tenha pretensões históricas em seu texto, busca aplicar o que ele denomina “princípio de caridade”, pelo qual considera que Nietzsche poderia estar, na realidade, realizando um empreendimento diferente do histórico. Nesse caso, *O Anticristo* não seria uma demonstração de verdade histórica, mas uma expressão de força de convicção, que não depende de qualquer demonstração convencional baseada em dados históricos. Para Nietzsche, as pessoas não acreditam em algo porque é verdadeiro, mas por causa da força imperiosa da vontade de poder. Segundo Nietzsche em *O Anticristo*, os primeiros cristãos e Paulo mentiram ao interpretar Jesus, motivados pela vontade de poder que buscava triunfar sobre seus inimigos e conquistá-los. No entendimento de Jensen, Nietzsche estava fazendo algo semelhante:

A transvaloração atributiva de Nietzsche de Jesus, como uma interpretação que imprime em um passado real sua própria vontade, em vez de uma tentativa de realismo correspondencial convencional, não é, pelo menos dessa forma estrutural, tão diferente da mentira de Paulo e dos outros historiógrafos. Mas ele afirma aqui que seu propósito ao mentir é mais nobre (*O Anticristo*, § 56, 58). (Jensen, 2019, pp. 189-190).

A “mentira” de Nietzsche seria mais nobre, segundo Jensen, por duas razões. Primeiro, porque “embora Nietzsche não corresponda a alguma realidade absoluta, seu propósito em mentir é mais nobre do que Paulo e os pesquisadores históricos por sua afirmação da vida natural” (Jensen, 2019, pp. 189-190). Em segundo lugar, porque “sua interpretação não pretende ser o relato único e absoluto de Jesus ou da tradição historiográfica” e mais: “Seu relato é mais honesto ao admitir seu fundamento perspectivista, seu status como uma ‘maldição’ e não como uma verdade absoluta supostamente separada de sua perspectiva” (Jensen, 2019, pp. 190-191).

Contudo, o próprio Nietzsche a despeito de rejeitar o método histórico, revela, ao longo de todo *O Anticristo*, que seu texto possui pretensões históricas. Bastaria destacar seu julgamento histórico acerca da “falsificação histórica” de Israel (AC §26) e dos primeiros cristãos (AC 34), ou mesmo do “sentido histórico” da modernidade (AC § 37). Sua acusação é a de que “a história do cristianismo — da morte na cruz em diante — é a história da má compreensão, gradativamente mais grosseira, de um simbolismo original” (AC §37). Para Nietzsche, Paulo seria um falsário justamente em “questões históricas”:

Não a realidade, não a verdade histórica!... E mais uma vez o instinto sacerdotal do judeu perpetrou o mesmo enorme crime contra a história — simplesmente riscou o ontem, o anteontem do cristianismo, inventando para si uma história do cristianismo inicial. Mais ainda: falseou a história de Israel mais uma vez, para que ela aparecesse como pré-história do seu ato: todos os profetas falaram do seu “Redentor” ... Depois a Igreja falseou até a história da humanidade, tornando-a pré-história do cristianismo... (AC §49).

Sua pretensão, então, é bastante clara: “Volto atrás, conto agora a história genuína do cristianismo” (AC §39). Assim, tanto seus julgamentos quanto suas pretensões são explicitamente de natureza histórica em *O Anticristo*, embora possa negar este fato. E ainda que se reconheça, a atitude deliberada de Nietzsche em prescindir da pesquisa histórica e científica modernas na análise de Jesus, por considerá-las ineficazes na análise dos evangelhos, essa escolha não diminui as consequências limitantes e insatisfatórias de sua decisão. Além disso, ela não impede que sejam levantadas questões sobre a robustez e a consistência das interpretações a que ele chega.

Além disso, outros problemas emergem na recusa de uma abordagem científica. Por exemplo, por que o leitor deveria concordar com o retrato de Jesus esboçado por Nietzsche? Ao mesmo tempo que afirma não ser uma perspectiva científica Nietzsche atribui a sua visão a respeito de Jesus um caráter tão decisivo que o que difere de seu retrato jesuânico é considerado por ele uma corrupção psicológica, histórica e documental do Novo Testamento. A reconstrução psicológica não parece ser o problema em si. Muitos ensaios foram e ainda são realizados neste sentido. O problema parece ser querer extrair de uma interpretação psicológica considerações decisivas de natureza histórica e documental que irremediavelmente ficam sem respaldo.

Dito de outro modo, a crítica de Nietzsche apresenta um ataque desigual, valendo-se de uma tipologia psicológica de Jesus para criticar o valor histórico e documental dos evangelhos e do Novo Testamento como um todo. Enquanto não oferece nenhuma crítica científica e historicamente respaldados em seu ataque aos documentos neotestamentários, Nietzsche, com seu esboço psicológico de Jesus rechaça os evangelhos como adulterados, como fontes completamente corrompidas. O efeito disto é que sua crítica histórica e documental paira no ar sem devidos alicerces teóricos.

As conclusões em *O Anticristo*, embora retórica e explosivamente articuladas, podem ser consideradas demasiadamente especulativas devido à falta de apoio teórico ou de evidências concretas em razão da metodologia não científica adotada. E assim a crítica de Nietzsche parece inadvertidamente cair numa autocontradição: afirma prescindir do método científico oferecendo um tipo psicológico, mas atribui a sua abordagem e ao seu retrato de Jesus peso e valor históricos já que subsidia a denúncia de que Jesus teria sido falsificado pelos primeiros discípulos que teriam tolhido seus verdadeiros traços históricos. Sommer reconhece isso, comentando o aforismo 28 de *O Anticristo*, onde comenta que o empreendimento de Nietzsche, de fato, "se preocupa apenas superficialmente com o aspecto psicológico individual, mas na verdade com uma tipologia moral e histórica"(Sommer, 2013, p.148)

Assim, em segundo lugar, a metodologia “não histórica” adotada por Nietzsche apresenta outra fragilidade: o uso pouco criterioso, ambíguo ou mesmo arbitrário dos textos neotestamentários. A ausência de uma abordagem científica rigorosa gera ambiguidades e contradições nos critérios utilizados para criticar os evangelhos como corrompidos. Apesar de considerá-los espúrios, Nietzsche utiliza seletivamente algumas passagens para reconstruir o tipo psicológico de Jesus, sem oferecer uma análise histórica ou crítica que apoie tais escolhas.

Por exemplo, ao citar “não resistais ao maligno” (de Mateus 5:39) como uma passagem fundamental para recompor o perfil de Jesus em *O Anticristo*, no aforismo 29, Nietzsche não apresenta argumentos que demonstrem por que essa passagem seria mais “original” ou teria escapado da corrupção que ele atribui aos demais textos evangélicos. Essa falta de critérios claros revela uma abordagem seletiva e arbitrária, onde apenas os traços jesuânicos que se adequam ao perfil psicológico que Nietzsche sugere são considerados confiáveis, enquanto os demais são descartados. Essa prática reflete uma abordagem procustiana, moldando as fontes de maneira a atender à interpretação previamente estabelecida, em vez de permitir que o conjunto textual e histórico informe a análise de maneira minimamente “imparcial”.

Isso implica que, se Nietzsche considerava a figura de Jesus apresentada nos evangelhos uma distorção, o próprio retrato que ele constrói do "tipo psicológico do redentor" não possui qualquer garantia de ser mais adequado ou plausível do que outras interpretações. Como afirma Sommer: "Pois não se segue da circunstância da distorção, uma vez dada como certa, que a reconstrução de Jesus por Nietzsche tenha maior plausibilidade do que outras reconstruções" (Sommer, 2013, p.157). Segundo Sommer a

falta desse critério da parte de Nietzsche que pudesse apoiar seu uso dos evangelhos na imagem de Jesus que ele esboçou implica que "o que se enquadra na categoria 'distorcida' e o que não se enquadra fica a critério do intérprete. Falta um critério que permitiu a verificação da explicação de Nietzsche"(Sommer, 2013, p.158)

Dito de modo mais claro, Nietzsche é seletivo nos usos dos evangelhos, aceitando partes dos textos e rejeitando outras sem qualquer critério explícito. Por exemplo, Nietzsche segue os evangelhos que narram como Jesus não se opôs a morte, nem ao julgamento, não procurando retaliação, sem demonstrar ressentimento, ódio ou rancor perante seus torturadores, contudo, desconsidera o que os mesmos evangelistas contam sobre sua angústia perante a morte, como aponta Sommer:

Sem crítica da fonte, Nietzsche segue os relatos evangélicos sobre o sofrimento de Jesus, mas omite completamente a luta interior ali observada: Em AC 35 não há Monte das Oliveiras, nem Jardim do Getsêmani, onde Jesus luta consigo mesmo: "Pai, se queres, afasta de mim este cálice" (Lucas 22:42). (Sommer, 2013, p.179)

Assim, por fim, chega-se talvez a um dos pontos negativos da perspectiva de Nietzsche em *O Anticristo*: a descontextualização que ele empreende da figura histórica de Jesus. Nietzsche, como os intérpretes liberais da modernidade, desconsidera o contexto da tradição judaica em que os evangelhos nasceram, e que o próprio Jesus existiu, que era notavelmente marcado por certa expectativa escatológica, uma fervorosa esperança na vinda do Messias e na restauração do Reino de Deus como pode ser comprovado pela literatura apocalíptica da época, pelos livros veterotestamentários (Daniel, Isaías e Zacarias, por exemplo), além dos textos apócrifos e pseudoepígrafos (textos não canônicos, mas importantes para o contexto religioso da época) que refletiam essas expectativas como o Livro de Enoque, os Salmos de Salomão, o 4º Livro de Esdras etc., que revelam uma forte crença no fim dos tempos, em uma batalha apocalíptica e na vinda do Messias para libertar Israel do domínio estrangeiro.

Uma vez que se considera esses fatores, não haveria qualquer implausibilidade histórica de Jesus ter anunciado uma mensagem ou mesmo ter compreendido e moldado sua vocação a partir da escatologia judaica comum em seus dias. Isto significa que tomar por espúrias as compressões escatológicas de Jesus – que estão presente em suas declarações sobre o futuro reino de Deus, a vinda do filho do homem, a ressurreição final, um dia do Senhor como um evento derradeiro e disruptivo na história, um dia de juízo e vindicação, ou mesmo sobre uma vida eterna vindoura, etc., – desarraigando-as de seu contexto histórico como Nietzsche o faz é uma desistoricização sem amparo histórico. Essa desjudaização, anacronismo ou descontextualização se revela quando Nietzsche interpreta como simbólicas as falas de Jesus sobre o reino dos céus, a eternidade ou sobre ser o filho de Deus como experiências psicológicas, uma vivência interior, do coração (AC §32, 34), um tipo de "escatologia realizada" ou quando afirma que doutrinas como a do juízo vindouro não passaria de distorção posterior, fruto da deturpação ou má compreensão dos primeiros cristãos.

Essa descontextualização que negligencia a escatologia como uma compreensão verificável historicamente no judaísmo do primeiro século, logo, do judaísmo de Jesus, era, realmente, uma característica dos estudiosos da época de Nietzsche. Poucos anos depois de Nietzsche, Schweitzer (1875-1965) buscou estabelecer a validade histórica dessa noção como cerne da mensagem de Jesus com seu livro já mencionado, *Geschichte der leben-Jesu-forschung* em 1906. Para Schweitzer a pesquisa histórica moderna havia interpretado Jesus a partir de seus padrões e concepções psicológicas, conformando-o aos ideais modernos, inserindo-o em um mundo que não era propriamente o dele.

Como uma planta aquática, é bela enquanto está crescendo na água, mas uma vez arrancada de suas raízes, torna-se irreconhecível, assim é com o Jesus histórico quando Ele é puxado do solo da escatologia, e a tentativa que se faz para se concebê-lo "historicamente" como não sendo sujeito a condições temporais. (Schweitzer, 2003, p. 475).

Para Schweitzer, a compreensão de Jesus histórico e de suas palavras só faz sentido dentro de uma visão de mundo escatológica, enraizada nas condições temporais e históricas de sua época. Segundo essa perspectiva, Jesus entendia a si mesmo como o Filho do Homem, Filho de Deus e Messias, aguardando a irrupção iminente do Reino de Deus no mundo. Schweitzer criticava duramente a pesquisa histórica e a teologia liberal modernas por descontextualizarem Jesus, desarraigando-o de seu cenário escatológico. Ele argumentava que tais abordagens distorciam a figura de Jesus ao moldá-la segundo sensibilidades modernas, negligenciando o pano de fundo apocalíptico e escatológico que era central à sua mensagem e autocompreensão.

Os homens temiam que ao admitir às reivindicações da escatologia aboliram o significado de Suas palavras para nosso tempo; e daí houve uma ansiedade fervorosa para descobrir nelas alguns elementos que podiam ser considerados não escatologicamente condicionados... Mas na realidade aquilo que é eterno nas palavras de Jesus deve-se ao próprio fato de que elas estão baseadas numa visão de mundo escatológica, e contém a expressão de uma mente para a qual o mundo contemporâneo, com suas circunstâncias históricas e sociais, não tinha qualquer existência. (Schweitzer, 2003, p.475)

Esta leitura reducionista do Novo Testamento, que “ignora a sua escatologia histórica, a crença na ressurreição dos mortos e no fim da história mundial na parusia de Cristo, foi desacreditada por grande parte dos estudiosos bíblicos do século XX.” (Ingraffia, 1995, p.88). Com isto não se quer dizer que Schweitzer tenha sozinho trazido à tona plausibilidade histórica da escatologia. Antes dele, Johannes Weiss e Remarius, como o próprio Schweitzer pontua, já haviam considerado a apocalíptica e a escatologia em suas interpretações de Jesus, mas não tiraram dela suas derradeiras consequências e por isso a questão não moldou decisivamente a interpretação que chegaram sobre o Jesus histórico.

De fato, essa tendência moderna da pesquisa histórica e da teologia liberal em geral de descontextualização de Jesus também é vista em Nietzsche e pavimenta sua reconstrução do “tipo psicológico do redentor” em *O Anticristo*. Basicamente toda a perspectiva nietzscheana sobre Jesus (como antirrealista, simbologista, a-moralista, absorto em um mundo interior e psicológico intocado pela efetividade, alheio a temporalidade e com uma mensagem sobre um reino e um messias não literais ou

meramente metafóricos etc.) repousa em uma decisão de não ler Jesus em seu cenário histórico judaico, em seu *Sitz im Leben*, que era o judaísmo do segundo templo, a apocalíptica judaica, as expectativas escatológicas de seu tempo etc. Por isso mesmo o reconhecimento posterior da plausibilidade histórica de um Jesus escatológico é tão avassalador ao entendimento nietzschiano já que torna implausível sua tipologia do redentor apresentada em *O Anticristo*.

O efeito em cascata da desistoricização desagua na tipologia descontextualizada de Jesus empreendida por Nietzsche que subsidia sua acusação de que são os discípulos de Cristo e mesmo Paulo, que posteriormente falsificaram Jesus, moldando sua identidade e mensagem escatologicamente. Essa posição, como visto, não permanece em pé quando se considera a plausibilidade histórica das mensagens escatológicas contidas nos evangelhos procederem do próprio Jesus e não de uma falsificação posterior o que fragiliza todo o restante da acusação que Nietzsche empreende ao cristianismo primitivo como sendo fraudulento e dos evangelhos como corrompidos. Assim, a metodologia adotada por Nietzsche que furta Jesus do contexto original e histórico parece apresentar limitações que comprometem os resultados aos quais ele chega em *O Anticristo*. Nas palavras de Brian D. Ingrassia (1995, p.88):

A leitura que Nietzsche faz dos evangelhos do Novo Testamento baseia-se em dois profundos mal-entendidos. Em primeiro lugar, Nietzsche afirma falsamente que o Novo Testamento ensina um dualismo cosmológico que condena o mundo. De acordo com Nietzsche, a Bíblia diz aos cristãos para desprezarem o mundo como um vale de lágrimas e para esperarem a sua remoção deste mundo para um céu estático e divino. Através de uma análise da separação redentora-escatológica da Bíblia entre este mundo e o mundo vindouro, mostrei que a leitura de Nietzsche está errada. Nietzsche também estabelece uma distinção infundada entre o ensino dos escritores bíblicos e a pregação de Jesus. Afirma que Jesus apenas ensinou uma ética de passividade perante o mundo, devido à sua incapacidade de tolerar o ódio dos homens. Ele contrapõe Jesus aos escritores do Novo Testamento, absolvendo-o de qualquer ressentimento e das doutrinas redentoras-escatológicas que Nietzsche argumenta terem origem nesse ressentimento. Nietzsche usa assim Jesus para criticar as doutrinas centrais da teologia do Novo Testamento. No entanto, não apela a um regresso aos ensinamentos originais de Jesus, mas antes a uma aceitação da sua própria doutrina da redenção.

O entendimento do cristianismo primitivo como uma religião essencialmente escatológica, que teria falsificado a mensagem de Jesus ao adotar uma abjuração deste mundo e desta vida, alinhando-se a um dualismo cosmológico de inspiração platônica, ou mais precisamente neoplatônica e/ou gnóstica – que desvaloriza a terra em prol de um céu perfeito e rejeita o presente cronológico em favor de um eterno atemporal – mostra-se inconsistente à luz dos dados analisados até aqui que nos mostram a plausibilidade de um Jesus escatológico, diferente de um Buda ou de um Epicuro nietzschianos.

Conclusão

A abordagem crítica de Nietzsche em *O Anticristo* revela limitações significativas em sua reconstrução da figura de Jesus. A recusa em adotar um método histórico crítico

rigoroso, aliada ao uso seletivo e arbitrário dos textos neotestamentários e à descontextualização do ambiente histórico e cultural de Jesus, comprometem a consistência e a profundidade de suas conclusões. Embora a obra de Nietzsche apresente reflexões provocativas e ofereça insights originais sobre a relação entre Jesus e o cristianismo primitivo, suas interpretações carecem de respaldo científico e metodológico. Ao desconsiderar o contexto histórico judaico e reduzir a figura de Jesus a um tipo psicológico desconectado de sua realidade escatológica e cultural, Nietzsche acaba por construir uma visão que, embora criativa em muitos aspectos, carece de fundamentação sólida e é vulnerável a questionamentos.

À luz do que foi exposto, parece pertinente concordar com Valadier (2004, p. 107) quando este afirma que "o Jesus de Nietzsche é muito mais interessante e significativo na medida em que descreve Nietzsche do que na medida em que tem algo a ver com uma figura histórica chamada Jesus". Ou nas palavras conclusivas de Albert Schweitzer (2003, p.11): "Cada época sucessiva da teologia encontrou seus próprios pensamentos sobre Jesus [...] Mas não foi apenas cada época que encontrou seu reflexo em Jesus; cada indivíduo criou-o de acordo com seu próprio caráter". De fato, os retratos de Jesus elaborados no período moderno, incluindo o de Nietzsche, frequentemente refletem mais sobre os próprios intérpretes e suas concepções do que sobre o personagem histórico que alegam analisar. Essa projeção revela como tais reconstruções, em grande medida, falam mais das inquietações e perspectivas dos autores do que da figura histórica de Jesus. Neste sentido, a reconstrução da figura de Jesus feita por Nietzsche não representa uma exceção.

BIBLIOGRAFIA

BEILBY, James K.; EDDY, Paul Rhodes (eds). *The Historical Jesus: Five Views*. Downers Grove, IL: IVP, 2009.

BISHOP, Paul. *Discourses of Philology and Theology in Nietzsche: From the "Untimelies" to The Anti-Christ*. Glasgow, UK: Palgrave Macmillan, 2023.

DUNN, James D. G. *Jesus em nova perspectiva: o que os estudos sobre o Jesus histórico deixaram para trás*. São Paulo: Paulus, 2013.

FREYN, Sean. *Jesus, um judeu da Galiléia: Nova leitura da história de Jesus*. São Paulo: Paulus, 2014.

INGRAFFIA, Brian D. *Postmodern Theory and Biblical Theology: Vanquishing God's Shadow*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

JENSEN, Anthony K. "Nietzsche's Quest for the Historical Jesus". In: CONWAY, Daniel. *Nietzsche and The Antichrist: Religion, Politics, and Culture in Late Modernity*. London: Bloomsbury Academic, 2019.

KAUFMANN, Walter. "The Antichrist". In: *The Portable Nietzsche*. New York: Viking Press, 1968.

MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Volume 3, Livro 1. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo e ditirambos de Dionísio*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWEITZER, Albert. *A busca do Jesus histórico: um estudo crítico do seu progresso: de Reimarus a Wrede*. São Paulo: Cristã Novo Século, 2003.

SOMMER, Andreas Ur. *Kommentar zu Nietzsches Der Antichrist, Ecce Homo, Dionysos-Dithyramben, Nietzsche contra Wagner*. Historischer und kritischer Kommentar zu Friedrich Nietzsches Werken. Band 6/2. Herausgegeben von der Heidelberger Akademie der Wissenschaften. Berlin; Boston: De Gruyter, 2013.

VALADIER, Paul. *Jésus-Christ ou Dionysos: La foi chrétienne en confrontation avec Nietzsche*. Paris: Desclée, 2004.